
“O homem adora o que é doce e óbvio”, de Colette Omogbai

Tradução:

Keyna Eleison (Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Brasil) *

Aline Leal (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil) **

Notas: Aline Leal, Keyna Eleison e Manoel Silvestre Friques

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40423>

Publicado originalmente em 1965 na extinta Revista Nigeria¹, o manifesto O homem adora o que é doce e óbvio foi uma resposta de Colette Oluwabamise Omogbai a uma acusação, por parte do circuito artístico nigeriano, de que suas pinturas – com traços estilísticos surrealistas e expressionistas, rejeitando o realismo acadêmico – não seriam femininas.

Nascida em 1942, Colette Omogbai se formou em pintura pela Faculdade de Artes, Ciência e Tecnologia da Nigéria (hoje Universidade Ahmadu Bello, na Zaria) em 1964, onde conheceu os artistas da Zaria Art Society. Fundada em 1958 em um contexto de afirmação nacional por um grupo de estudantes artistas nigerianos (incluindo-se aí Uche Okeke, Bruce Onobrakpeya, Demas Nwoko, Yusuf Grillo, Simon Okeke, Jimoh Akolo, Oseloka Osadebe e Emmanuel Odita), a Zaria Art Society estabeleceu um contraponto à pedagogia tradicional instituída pela Faculdade de Artes, Ciência e Tecnologia da Nigéria, propondo uma “síntese natural”, conforme propõe Okeke, entre as artes visuais indígenas e aquelas ocidentais.

* Keyna Eleison é curadora independente, mestre em História Social da Cultura (Arte e História da Arte) pela PUC-RJ. É supervisora de ensino da Escola de Artes Visuais (Rio de Janeiro). E-mail: keynaeleison@gmail.com

** Aline Leal é pós-doutoranda (PNPD/Capes) no Departamento de Letras da PUC-Rio. E-mail: alinelfbarbosa@gmail.com

A primeira exposição individual de Colette Omogbai, em Mbari Ibadan, data de 1963. Posteriormente, Omogbai estudou na Slade School of Fine Art, em Londres, e doutorou-se em Educação Artística pela New York University. Tendo sido uma artista de destaque nos anos 1960, Omogbai desapareceu posteriormente do circuito artístico, gerando uma série de especulações sobre seu paradeiro. A tradução a seguir, realizada por Keyna Eleison e Aline Leal, tanto apresenta aos leitores brasileiros a poética de Omogbai quanto endossa o coro que indaga: "Por onde estará Colette Omogbai?"

De fato, foi Keyna Eleison quem tomou contato com a obra de Omogbai quando foi a Lagos, na Nigéria. Em conversa com Iheanyi Onwuegbucha, atual curador do Centre for Contemporary Art (CCA), Keyna tomou conhecimento do projeto "Women on Airplanes", com curadoria de Anette Busch, Magda Lipska e Marie-Helen Gutberlet. Focalizando o apagamento histórico de mulheres artistas, o projeto de pesquisa, em sua segunda edição, investigou o paradeiro de Collete Omogbai, levantando também questões a respeito da perspectiva eurocêntrica, colonial e machista dominante no modernismo.

Mas, mais do que isso, surpreendentemente, o desaparecimento de Colette parece ter sido resultado de um esforço pessoal. Ao empreender uma pesquisa sobre o paradeiro de Colette, Onwuegbucha chegou a seu marido e sua filha, recebendo, por intermédio deles, a informação de que Colette havia trocado de nome após o casamento. E, de modo mais contundente, que Colette, ao se converter ao cristianismo, não estava mais interessada em sua produção artística.

Notas

¹ *Revista Nigeria*, n. 84, p. 80, March 1965.

Citação recomendada:

OMOGBAI, Colette. O homem adora o que é doce e óbvio (tradução: Keyna Eleison e Aline Leal). *Poiésis*, Niterói, v. 21, n. 35, p. 121-124, jan./jun. 2020. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40423>]

“O homem adora o que é doce e óbvio”, de Colette Omogbai

Em arte, o homem adora o que é doce e sentimental. Ele não entende que arte é outra coisa que não folhas verdes e corpos marrons e cabelos pretos. Qualquer transformação vital da arte lhe parece algo odioso e assustador como um pesadelo.

Arte, para o homem, não é uma coisa em si. É dependente. Pintura deve ser explicada em termos de palavras e também de narrativas. O homem acredita no sentido que possa ser expressado em ideias claras e distintas. Ele falha em perceber que buscar um significado explícito em arte é um erro fundamental baseado em uma incompreensão total do meio.

O homem não consegue sentir o que é a pintura. A competição com a fotografia o exaspera acima de tudo. A coragem do homem falha quando é confrontado com a versão intensa da vida. Para o homem, intensidade é desagradável.

Autoexpressão e afastamento da natureza é uma incapacidade. Homem adora fórmulas. Ideais fixos na arte são seus favoritos, ainda que sucumba à ciência e à tecnologia modernas. Divorciar-se disso é sombrio, inquietante e assustador. Isso, ele diz, promove noites insones cheias de pesadelos. Durante o dia, quando vê os registros da noite anterior em termos de pintura, ele grita: “Queime isto! Isso me lembra minhas noites sem dormir. Me dê realidade”, declara o homem, “algo vivo que eu possa admirar e desfrutar. Quero algo de que possa viver e não que acovarde minha melhor parte do homem”. “Sobretudo aquela pintura de um preto marfim preto”, enfatiza. “É a cor do ódio, da guerra, da destruição e da morte. Poupe essa cor”. O homem aconselha: “pela manhã, minha querida, desista do seu fantasma. A persistência dessas lembranças da morte assombra minha imaginação e, por fim, aponta para os portões do cemitério.” “Em vez disso, me dê as pinturas do tipo ‘salada’ – ricas em cores de sorvete. Adoro sorvete por seus

rosas tão macios quanto os delicados vestidos das crianças e o azul-celeste nos dias frios do verão ou até o amarelo-limão. Nenhum toque de preto.”, insiste o homem.

O homem não desafia a voz de um pássaro estranho quando canta uma canção desconhecida. Mas ele questiona as tendências modernas. Pernas torcidas e pescoços alongados, cabelos feitos de raízes e corpo azul agridem sua imaginação. “Que diabos é isso?”, pergunta o homem enojado. “Serão essas pernas as de um monstro, o pescoço o de um avestruz, o tronco como o de uma criatura faminta e ferida do campo de concentração?” “Esconda tudo ou eu adoço”, implora o homem. O homem ama a palavra “igual”. Para o homem, nada é o outro; deve ser igual ao outro. “Nos dê realidade”, proclama o homem: “se possível, a realidade tão real quanto a de Bouguereau”. “Se você puder pintar, minha querida”. O homem provoca o artista como se fosse seu filho pequeno: “coloque cabelos reais, unhas reais, dentes reais para a figura na tela. Eu gosto de tocar nelas como faria na vida real.”, o homem torce o nariz para a “Arte Moderna”. É inútil porque não tem relação com o ambiente do homem. É inútil porque não tem sentido. É inútil porque não

está de acordo com a visão dos Velhos Mestres. “É arte de crianças”, descarta o homem descuidadamente.

O homem acredita na liberdade de expressão. Na arte, isso é proibido e, quando feito, deve ser por alguém da idade da pedra. A juventude que luta pela autoexpressão é reprimida.

“Sente-se, meu filho, seus olhos não viram tantos dias quanto Abraão. Espere até endurecer por mais cinquenta harmatãs! Agora você se dará melhor como fotógrafo. Até que os cabelos grisalhos comecem a aparecer, gaste seu tempo a copiar 'Um homem e um jumento' tal como ele é. Não se esqueça dos cílios do homem!”

Esses são os gostos do homem. Até onde ele pode ir com esses ideais? Onde é o lugar do homem? Onde está a coragem dele? Onde está a sua superioridade sobre a natureza e seu ambiente? O homem continuará sendo escravo daquilo que criou? Quem vai nos desamarrar desta era da antiga cadeia da Tradição? Quem nos dará visão para ver as coisas sob Nova Luz? Pense nesses pontos e vamos nos aprofundar nessa Nova Maneira de Olhar. É um desafio para o homem.